

“A REZA CURA MESMO”: MEMÓRIAS RELIGIOSAS DA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOLAS O “GRILO”¹

Elane Cristina do Amaral²

Rosilene Dias Montenegro³

O presente artigo tem como principal objetivo discutirmos as memórias quilombolas que dizem respeito as rezadeiras da Comunidade Remanescente do Quilombo “O Grilo”, valorizando através dessa memórias suas experiências, lutas e resistências verificadas tanto nas suas vivencias, como nas lembranças que os mesmos têm dos seus antepassados e do saber da reza passado de geração a geração. Para esta produção lançaremos mão da história oral para aquisição dessas memórias e nos apoiaremos em alguns autores que trabalham com os temas étnicos e sobre o negro mais especificamente. Todavia, para além das exigências acadêmicas, nossa pesquisa se pauta na valorização da diversidade cultural e na inclusão social daqueles que por muito tempo tiveram sua cidadania negada. Por que para estes – O negro – a liberdade tem sido conquistada dia-a-dia.

1- A procura da Trilha: Onde estão os Quilombos?

Entre os vários caminhos que podemos escolher para compreendermos a escravidão negra no Brasil, optamos por aquele de difícil acesso, o qual é problematizarmos a resistência do negro a escravidão, resistência essa deslumbrada nos diversos quilombos espalhados por todo o Brasil. E pensar esse caminho como sendo de difícil acesso é buscarmos nas memórias dos remanescentes de Quilombos o acesso ao passado tão presente nas memórias desses indivíduos.

Ao refletirmos sobre o conceito de Quilombo em si, abre-se um leque de muitas possibilidades de interpretações sobre o termo. Neste sentido faz-se necessário adentrarmos em alguns atalhos que nos proporcionam a historiografia contemporânea.

¹ Este artigo foi fruto do trabalho final do componente curricular Tópico especial em: gênero e etnia na pós-modernidade, ministrado no curso de pós-graduação da Universidade Federal de Campina Grande pela professora Juciene Ricarte Apolinário, o mesmo foi reformulado para a participação deste GT.

² Mestranda em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

³ Orientadora. Professora do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

Desse modo, não nos cabe aqui, limitarmos o nosso olhar frente a uma só direção. Nesses termos, para Kabengele Munanga:

O quilombo é seguramente uma palavra originária dos focos de língua bantu (Kilombo, aportuguesado: Quilombo)[...] É uma história de conflitos pelo poder, de cisão dos grupos, de migrações em busca de novos territórios e de alianças políticas entre grupos alheios.(p.4, 1995/1996)⁴

Notemos que para este autor, o termo quilombo de origem bantu assume vários significados, seu sentido não se restringe a fatores sociais e culturais, mais engloba também conteúdo político. Desse modo, quilombo está para além de ser apenas um lugar de negros que fugiram do sistema opressor da escravidão. O surgimento do quilombo sugere essas outras relações. Para Apolinário citando VOLPATO:

Quilombo é um termo banto que derivaria de ki-lombo, uma sociedade iniciativa de jovens guerreiros “mbundu” adotada pelos invasores jaga (ou imbangala), estes compostos Por diferentes grupos étnicos africanos desvinculados de suas comunidades. (p. 123, 2007).⁵

Mais uma vez o termo quilombo nos remete a uma origem africana, neste sentido no Brasil escravista os territórios quilombolas vão ser uma extensão dos quilombos da África, só que aqui, estes vão se adequar ao contexto da realidade negra escravizada aqui existente. Assim, algumas pesquisas vêm nos mostrar que existem significados semelhantes entre o quilombo na África e os quilombos no Brasil.

Para além das discussões até aqui colocadas sobre o termo quilombo, percebe-se que o próprio conceito de comunidade de quilombo tem sido revisitado pela historiografia brasileira, assim esse conceito não se limita mais as comunidades rurais ou de difícil acesso. De acordo com Daniel Chiozzini:

Atualmente o conceito de comunidade de quilombo vai muito além dos antigos grupos descendentes de escravos fugidos das fazendas do período colonial. Ele também engloba grupos Urbanos, como terreiros de candomblé, que se auto-definem como comunidades negras e pedem o registro de seu espaço como “território negro.”(p.1, 2008)⁶

⁴ MUNANGA, Kabengele. **Origem e histórico do quilombo na África**. Revista da USP, n.28, dezembro/fevereiro .1995/1996.

⁵ APOLINÁRIO, Jusciene Ricarte. **Escravidão Negra no tocantis colonial: Vivências escravistas em Arraiais (1739-1800)**, 2ª edição, Goiania: Kelps, 2007.

⁶ CHIOZZINI, Daniel. Território negro: disponível em: < www.revistaeletronicadoiphan.htm>. Acesso em 12 de dezembro de 2008.

Dessa forma podemos perceber que tanto o termo em si (quilombo) como o próprio conceito tem sido ampliado mediante as pesquisas realizadas pelos historiadores.

De modo geral, os quilombos eram comunidades formadas por fugitivos, que neste espaço buscavam viver livres, numa liberdade lutada constantemente, pois os capitães-do-mato e as várias expedições objetivavam destruir essas comunidades extorquindo deles seu bem maior que era sua liberdade.

Após termos percorrido alguns trechos na estrada historiográfica sobre as linhas que tecem as abordagens, sobre os termos e conceitos quilombolas, é possível agora adentrarmos, no que seria a base da nossa pesquisa. Neste sentido, nos referimos ao limite espacial que é a comunidade remanescente de quilombo, o Grilo, no município do Riachão do Bacamarte PB.

É neste limite espacial, de difícil acesso, com uma visão privilegiada de todos os pontos concentrados em seu entorno, habitado por 180 famílias onde sobrevivem memórias e experiências históricas, principalmente nas lembranças de velhos e velhas da comunidade. E é exatamente por intermédio das memórias colhidas desses remanescentes de quilombo que podemos perceber as singularidades e diversidades destes que tiveram suas liberdades extorquidas, mas buscaram reinventá-las de outras formas, com outras cores.

2- Mergulhando na história oral

Pensar os remanescentes de quilombo é buscar, refletir suas identidades como fluidas e, sobretudo não nos armarmos de estereótipos que jamais corresponderão às vivências múltiplas dessas pessoas.

Neste contexto, a história oral é um caminho o qual nos permite através dos entrevistados problematizarmos um passado que embora distante se torna perto, mediante a esses depoentes, tendo em vista que a história oral é mais uma fonte para o trabalho do historiador e como tal deve ser exaustivamente questionada, todavia sua relevância se torna ainda mais fundamental se tratando de comunidades remanescentes de quilombos. Para Verena Alberti: “A história Oral permite o registro de testemunhos e o acesso a “histórias dentro da história” e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado.” (p. 155, 2006).

Escolher a história oral como aporte metodológico é perceber que um leque de possibilidades na pesquisa se abre, no entanto o historiador deve ter a sensibilidade e o cuidado no território em que está pisando, caso contrário pode cair em armadilhas.

Neste contexto, é necessário que o historiador compreenda que os relatos arrecadados através da história oral, não são uma revelação real do passado, por isso é importante conseguir o número maior de entrevistas para que as versões sejam investigadas e relacionadas com outros tipos de documentos. Além disso, Verena Alberti ainda nos coloca que:

É preciso ter bem claro por que, como e para que se fará uma pesquisa utilizando história oral, e não adotar posturas ingênuas, como se imbuir da missão de “dar voz aos vencidos”, ou esquecer que toda entrevista é “documento – monumento. (p. 189, 2006).⁷

Desse modo, nosso interesse em recorrer á história oral, é de problematizar as memórias quilombolas presentes nas falas da população mais idosa da comunidade, como também perceber como essas experiências históricas tem sido absorvida pela camada mais jovem da comunidade, só a partir dessa empreitada que poderemos observar qual a importância que a reza tem assumido para os habitantes da comunidade, qual o seu papel para os mais velhos e os mais jovens.

3- Chegando ao que se procura: o encontro com as rezadeiras

Sabemos que se tratando de Brasil existe uma pluralidade de manifestações religiosas espalhadas por todo país, algumas são altamente discriminadas como as religiões protestantes e principalmente as de origem africana. Além disso, a historiografia tem nos mostrado que desde o período colonial vigorou um sincretismo religioso muito forte ente brancos, negros e indígenas o qual sofrendo suas mutações e adaptações chegou até os dias atuais.

Na comunidade Grilo, vigora de certa forma uma pluralidade de religiões, o que talvez não seja tão comum de se encontrar em se tratando de uma comunidade remanescente de quilombolas. Embora sabemos que existe a religião de origem africana lá, quando questionados sobre a mesma os habitantes afirmam que são católicos e que

⁷ ALBERTI, Verena. História dentro da História. IN: PINSKY, Carla Bossanezi (org) **Fontes Históricas**. 2ª edição São Paulo: contexto, 2006.

não existe esse tipo de religião na comunidade. Ora, não nos cabe aqui julgar tal afirmação, mas sim problematizá-la, pois por que será que eles negam a religião de cunho africano? Uma das respostas mais visível e discutida amplamente pela historiografia é que o povo negro teve sua relação com o sagrado perseguido por isso o único caminho que encontraram foi esconder a mesma, ou disfarçá-la mediante semelhanças com os santos e ritos católicos.

Para além dos que praticam a religião africana às escondidas, temos também na comunidade alguns adeptos da religião protestante, os quais tentam levar sua religião tanto aos católicos como aos que praticam a religião africana.

Todavia, o que chama nossa atenção ao que se refere à religião, na comunidade o Grilo em Riachão do Bacamarte, é o fato de que mesmo com a manifestação de outras religiões as rezadeiras permaneceram como um elemento de forte identidade cultural na comunidade. As memórias relatadas pelos habitantes demonstram a importância e credibilidade, que até os dias atuais essas mulheres desempenham na comunidade. De acordo com a pesquisadora Maria Cristina:

“[...] Aos locais onde a natureza se encontrava ainda relativamente preservada deslocavam-se feiticeiros, curandeiros e benzedoras em busca de suas ervas e raízes curativas ou simbólicas, alimentando-se da crença de que as arrudas, as guínés, as samambaias aí colhidas possuíam força mágica superior à daquelas plantadas nos jardins das casas.” (2004, p.119).⁸

È interessante observar que o ritual da reza não é realizado apenas no ato em si de rezar e benzer. Existem os ramos, as plantas que as rezadeiras colhem ali mesmo na comunidade exclusivamente para realizar suas rezas e fazer suas orações em prol d determinado benefício. Assim, nós temos a reza enquanto uma aproximação do negro com o catolicismo e temos a utilização das plantas, das ervas com aproximação mais com o mundo africano e indígena. Para Souza:

“[...] Nesse ambiente complexo, marcado por excludentes relações socioculturais, pela irregularidade climática e pelos saberes e técnicas que desenvolvem, [...]. Sempre em relações de intercâmbio com a natureza, que lhes permitem estabelecer meios para suprir necessidades de sobrevivência,

⁸ WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. IN: NOVAIS, Fernando A. (coleção dirigida). SEVCENKO, Nicolau (org.) **História da vida privada no Brasil Vol.3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

encontrando respostas em saberes tradicionais, transmitidos pelos mais velhos e atualizados através de gerações.” (2004, p.304)⁹

Dessa forma, percebe-se que existe uma interação com os elementos da natureza por parte das rezadeiras, para além de um valor alimentar, medicinal e material de determinadas plantas existe também o valor espiritual, sagrado, simbólico para estas rezadeiras.

E o que chama nossa atenção para este saber, é que esta é uma prática cultural que passa de geração para geração, e embora o ritual possa sofrer suas transformações ao longo desse processo, ocorrendo adaptações e ressignificações, ele permanece vivo como prática e na memória daqueles que o praticam ou se beneficiam com as rezas.

Assim, ao conversarmos com uma moradora da comunidade Grilo em Riachão do Bacamarte, a qual é rezadeira e tem seguido os passos da sua mãe que era além de rezadeira uma parteira com papel de extrema importância para a comunidade, M.L.T.C. nos coloca que:

- Eu aprendi só vendo ela rezar, só vendo é, mãe nunca me ensinou não eu via ela fazendo, quando eu era solteira eu via e ficava só olhando, depois que eu casei eu fui inventar de fazer, inventar de fazer e faço.

A depoente nos coloca que aprendeu as rezas apenas vendo sua rezar, assim é no dia-a-dia que os costumes vão sendo introduzidos para os mais jovens, para as novas gerações, na realidade certos tipos de saber como este o de rezar, tem que partir da própria pessoa, isso demonstra que ela tem o dom, pois segundo preza a tradição não basta apenas decorar as rezas e ter conhecimento para saber usar os ramos, tem que ter a fé, o dom. Conversando com uma das moradoras dona L.C.T.S. ela nos falou do enfeito da reza com um problema que ela teve:

- Uma vez eu peguei muito peso, aí abriu o peito que saia sangue. Quando eu tossia saia sangue. Era uma dor tão forte. Aí ela rezou e rezava e com dois dias eu tava boa.

Relatos como esse sobre as infinitas curas ocorridas por conta das rezas realizadas pelas rezadeiras, são bastante comuns na comunidade, é neste sentido que

⁹ SOUZA, José Josberto Montenegro. Rituais de transmissão de saberes populares: Rezadeiras e benzedadeiras do Vale do Rio Jaguaribe, Ceará. In: **Projeto História: Festas, Ritos e Celebrações**. n. 28. São Paulo: EDUC, Janeiro-Junho/2004. p.303-312.

podemos afirmar que as rezadeiras recebem por parte dos moradores da comunidade muita credibilidade, os que não têm uma experiência alcançada para contar, sabe com certeza alguma história de alguém que recebeu a cura por conta da reza. E a depoente a cima citada enfatiza sobre as rezadeiras e sobre as curas: “Existe sim, eu mesma cansada e sentindo dores fui rezada e fiquei boa logo em seguida. A reza cura mesmo!”

È interessante observar que muitas vezes ser rezadeira não é coisa para a vida inteira. Dona M. J. C. de 88 anos nos coloca o seguinte:

Fui rezadeira daqui, vivia pegada com um ramo na mão, com santo e tudo na mão rezando, rezando (risos) rezando a humanidade eu rezei aqui muito tempo, no Ingá, muito tempo no Ingá, eu casei e fui embora morar lá, depois fiquei viúva fui pro Rio de Janeiro há no Rio de Janeiro é que eu rezava bonito.

Com a velhice muitas dessas rezadeiras vão perdendo o entusiasmo e não saem mais, tendo em vista que a dificuldade de locomoção da zona rural é mais difícil, o que pode ser considerado como uma grande perda cultural é que muitas rezadeiras não ensinam as rezas as futuras gerações e quando morrem levam muito dessa cultura com elas.

È importante ainda salientar que para cada problema existe uma reza, um ritual específico que é utilizado por parte da rezadeira e remédios naturais que fazem parte do conhecimento da rezadeira. Uma vez detectado o problema realiza-se a reza, no entanto só as rezadeiras mais experientes que sabem todos os tipos de rezas para todos os problemas. Souza nos coloca que:

“As curas encontram-se inseridas em experiências que envolvem conhecimentos empíricos, fé religiosa, cultura material e simbólica. Sendo realizadas, quase sempre, sob a exigência de determinada dedicação do doente às recomendações de devoção e fé indicadas pelas e curandeiros” (2004, p.307)¹⁰

Assim, as habilidades praticadas pelas rezadeiras, vem do conhecimento adquirido pelas senhoras mais velhas que vão passando para as novas gerações, e para desempenhar o papel de rezadeira precisa-se ter todo um conhecimento empírico para tal função.

¹⁰ Idem p.307

Percebe-se também que nessas comunidades rurais, como os remanescentes de quilombos, a prática da rezadeira, dos curandeiros foi também uma forma que eles encontraram em momentos de urgências, por se encontrarem longe dos centros urbanos e dos hospitais. É através das táticas buscadas no dia-a-dia que esses indivíduos procuram saídas mil para sanar os problemas do cotidiano. Certeau nos coloca que:

“[...] chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro.” (1994, p.100)¹¹

De modo geral, as práticas das rezadeiras na qual se misturam fé e conhecimento empírico, onde muitas rezadeiras foram também curandeiras e parteiras, como foi com dona Dora já falecida na comunidade Grilo, tudo isso nos mostra que essas práticas inventadas e reinventadas no cotidiano se davam pela falta de algo próprio que pudesse atender as necessidades da comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. História dentro da História. IN: PINSKY, Carla Bossanezi (org) **Fontes Históricas**. 2ª edição São Paulo: contexto, 2006.

APOLINÁRIO, Juscieni Ricarte. **Escravidão Negra no tocantis colonial: Vivências escravistas em Arraias (1739-1800)**, 2ª edição, Goiania: Kelps, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1.Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHIOZZINI, Daniel. Território negro: disponível em: <www.revistaeletronicadoiphan.htm>. Acesso em 12 de dezembro de 2008.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e histórico do quilombo na África**. Revista da USP, n.28, dezembro/fevereiro .1995/1996.

SOUZA, José Josberto Montenegro. Rituais de transmissão de saberes populares: Rezadeiras e benzedeadas do Vale do Rio Jaguaribe, Ceará. In: **Projeto História: Festas, Ritos e Celebrações**. n. 28. São Paulo: EDUC, Janeiro-Junho/2004. p.303-312.

¹¹ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1.Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. IN: NOVAIS, Fernando A. (coleção dirigida). SEVCENKO, Nicolau (org.) **História da vida privada no Brasil Vol.3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.